



RITOS E PROCISSÕES: CAPITAL SIMBÓLICO E DOMINAÇÃO NAS IRMANDADES RELIGIOSAS DE SOBRAL NO LIMIAR DO SÉCULO XX*

Elza Marinho Lustosa da Costa**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO –
UNIRIO**
elzamarinho@uol.com.br

RESUMO: Este trabalho se propõe a identificar e analisar as funções e as estratégias utilizadas pelas irmandades religiosas de Sobral enquanto formas institucionais da sociabilidade religiosa na consolidação do poder e prestígio das elites na hierarquia social da cidade, no período que vai de 1880 a 1930. É um recorte exemplar de formas de comportamento dominante entre a chamada aristocracia rural do Nordeste no período, onde a religião católica e seu “aparelho” aparecem como elementos fundamentais de socialização, distinção, reprodução e legitimação das elites.

ABSTRACT: This work aims to identify and analyze the functions and strategies used by the religious fraternities as institutional forms of religious sociability in the consolidation of power and prestige of the elites in the city's social hierarchy between 1880 and the 1930. It is an exemplary portrait of the dominant behavior among the so called rural aristocrats in the Northeast during that period, where the Catholic religion and its 'machinery' shows up as the fundamental elements of socialization, distinction, reproduction and legitimization of the elites.

PALAVRAS-CHAVE: História Cultural – Ritos e Procissões – Irmandades Religiosas

KEYWORDS: Cultural History, Rites and Processions, Religious fraternities

Introdução

Muito já se escreveu sobre a importância da Igreja na ordem social do Império, como de resto em toda a história do Brasil colonial e de outras sociedades ditas tradicionais. A instituição religiosa exerceu – e ainda exerce, em menor escala – papel de fundamental importância na reprodução social, na medida em que operava como matriz de valores e estrutura de classificação, legitimando a hierarquização social

** Doutora em História Social pelo IFCS – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista recém-doutora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

prevalente, qualificando as elites com suas escolas e outras instâncias de formação e bendizendo a dominação política do mandonismo local.

Entretanto, mais do que simples aparelho ideológico do Estado,¹ a serviço das classes dominantes, distribuindo ópio ao povo oprimido e escravizado, a Igreja foi capaz de desenvolver interesses próprios, muitas vezes, senão conflitantes, pelo menos, concorrentes com os da elite econômica local. A Igreja tinha peso político próprio e era capaz de exercer, de certa maneira, função civilizatória, no sentido propugnado por Norbert Elias.²

A Igreja aparecia como produtora de simbologias, autenticações e ratificações, na medida em que pertencer a organizações por elas reconhecidas era uma maneira de se afirmar como parte de uma determinada elite. Nesse sentido, a proximidade com a Igreja e suas irmandades foi, muitas vezes, um novo eixo de hierarquização dos habitantes e da própria elite de Sobral, importante cidade do norte do Estado do Ceará.

De fato, no final do século XIX, os barões do couro – grandes fazendeiros da pecuária extensiva, comerciantes e prelados de alguns pólos urbanos do sertão do Nordeste chegaram a desenvolver atitudes e comportamentos diferenciados, para se identificar com as elites das metrópoles do centro-sul do país e afirmar simbolicamente sua dominação local e regional.

Este trabalho se propõe a identificar e analisar as funções e as estratégias utilizadas pelas irmandades religiosas de Sobral, enquanto formas institucionais da sociabilidade religiosa, na consolidação do poder e prestígio das elites na hierarquia social da cidade, no período que vai de 1880 a 1930. É um recorte exemplar de formas de comportamento dominante entre a chamada aristocracia rural do Nordeste no período, onde a religião católica e seu “aparelho” aparecem como elementos fundamentais de socialização, distinção, reprodução e legitimação das elites.

A noção de elite utilizada nesse trabalho refere-se a uma minoria que dispõe, numa sociedade determinada, de prestígio, de privilégios decorrentes de qualidades valorizadas socialmente como raça, linhagem e qualidades adquiridas como cultura e

¹ O conceito de aparelho ideológico, de Louis Althusser, é utilizado aqui de maneira fortuita. Este trabalho se situa na fronteira entre a história e a sociologia, na medida em que pode ser incluído tanto no campo da história cultural como do estruturalismo genético, termo introduzido por Pierre Ansart (1990) para designar a sociologia cultural praticada por Pierre Bourdieu.

² Sobre o assunto consultar: ELIAS, Norbert. **La civilisation des mœurs**. Paris: Calmant-Levy, 1973.

educação. Por conta disso ocupam lugar privilegiado na hierarquia social, inclusive posições de poder político.³

O trabalho está dividido em três partes. A primeira traz informações básicas sobre o funcionamento e a natureza dessas formas de associação. Na segunda parte, um exame mais detalhado das festividades das confrarias exclusivamente de negros que existiram em Sobral introduz a questão das representações que fundamentam as desigualdades raciais e sociais. A terceira parte analisa o funcionamento da principal irmandade do período, ou seja, a irmandade do Santíssimo Sacramento, e destaca a importância de seus rituais públicos na manutenção das relações de poder entre dominados e dominantes.

Surgimento das Confrarias em Sobral

As associações mais antigas aparecidas em Sobral foram as confrarias religiosas. De 1752 a 1930, existiram doze irmandades na cidade. Elas eram formadas por leigos, mas os padres podiam também ser admitidos como membros. Geralmente, elas eram inspiradas nas associações semelhantes dos países católicos europeus. No Brasil, elas começaram a ser fundadas no século XVIII, reproduzindo, de início, os princípios de suas congêneres na Europa, tomadas por novas idéias de ação social da religião prática. João Camilo de Oliveira Torres⁴ compreende a ação das irmandades em três campos: econômico-social, psicológico e cultural. No primeiro, ele as percebe como verdadeiras entidades de classe, pois congregariam pessoas da mesma cor, da mesma classe social. No campo psicológico, essas entidades atuavam como instrumento de superação das condições de vida dos integrantes, citando como exemplo disso as confrarias de escravos, onde os papéis de rei e rainha representavam um breve consolo para os cativos, e, no último, ele destaca o caráter catequizador das irmandades dos homens de cor. A presença dos mais variados tipos de confrarias religiosas em Sobral inscreve a cidade nos movimentos históricos da época, no contexto mundial e colonial.

Essas associações religiosas tinham como propósito primeiro implantar o culto católico nos lugares mais remotos do País. E, de fato, no começo, elas se ocupavam da construção de igrejas e da manutenção desses templos. Mas é necessário salientar que o

³ BUSINO, Giovanni. *Elite(s) et élitisme*. Paris: PUF, 1992, p. 4.

⁴ TORRES, João Camilo de Oliveira. *História das idéias religiosas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1968.

surgimento dessas entidades se dava paralelamente à intensificação do povoamento do Norte do Ceará. Daí, o alargamento de suas atribuições. Assim, elas se encarregavam também do registro civil e dos enterros dos fiéis, o que justificava a inclusão de artigos nos seus estatutos detalhando as normas que deveriam ser observadas nos funerais de seus associados.

As irmandades, no tempo do Brasil Colônia, estavam sob vigilância acentuada do poder eclesiástico português, através de seus representantes locais. Depois da independência, o controle sobre as atividades das confrarias foi ainda mais reforçado. Uma circular do Palácio Episcopal do Ceará, datada de 1872, ilustra bem esta afirmativa. “É proibido às irmandades religiosas de se estabelecerem antes que seus estatutos sejam aprovados pelo poder eclesiástico competente. Todas as modificações nos estatutos devem ser comunicadas e submetidas à apreciação e aprovação das mesmas instâncias”.⁵

Apesar de toda essa vigilância, as irmandades, na verdade, gozavam de relativo poder. A contribuição obrigatória dos membros constituía ainda um meio seguro de obtenção de recursos e acumulação de patrimônio, ampliando o poder das associações piás. As convicções religiosas da população assistida também favoreciam esse processo.

Um dos fatores responsáveis pelo prestígio das confrarias junto ao público era sua participação nas procissões consagradas aos seus santos padroeiros. Cada uma procurava superar a outra em termos de solenidade e luxo. “Os confrades trajavam seus hábitos mais luxuosos para participar de procissões que mobilizavam intensamente o interesse das pessoas ansiosas em assistir a este espetáculo no qual o profano e o religioso se confundem numa *mise en scène* dramática”.⁶

De todas as congregações religiosas fundadas em Sobral, somente cinco delas subsistem até hoje e de forma precária. São as confrarias do *Santíssimo Sacramento*, as *Congregações Vicentinas*, o *Apostolado da Oração*, a *Congregação Mariana dos Moços* e a *Pia União das Filhas de Maria*. De todas elas, somente a Irmandade do Santíssimo e as Congregações Vicentinas conservaram seus arquivos. Esse material é constituído das atas das reuniões e das listas dos membros. Esses dados constituíram amostras fundamentais para a análise das associações religiosas em Sobral.

⁵ FROTA, José Tupinambá da. **História de Sobral**. Fortaleza: Pia sociedade de São Paulo, 1953, p. 279.

⁶ CAMPOS, Eduardo. **As irmandades religiosas do Ceará provincial**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1978, p. 9.

Raça, religião e desigualdade

A localização das irmandades está relacionada com a geografia social da cidade. De fato, a aglomeração urbana que deu origem à cidade de Sobral contava com dois centros religiosos. O primeiro se desenvolveu em torno da Catedral e o segundo teve como núcleo a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretinhos, construída pelos negros e mestiços em 1777. Ela substituiu uma capela muito modesta que servia igualmente à devoção dos negros. O arquiteto Liberal de Castro⁷ defende a tese de que naqueles primeiros tempos não existia ligação entre esses dos núcleos religiosos, quer dizer o caminho dos negros não cruzava o dos brancos. A antiga rua do rosário fazia a ligação entre a igreja dos negros e o abatedouro, no fim da rua da gangorra, lugar de trabalho dos escravos. Vê-se bem a nítida demarcação entre os espaços reservados aos negros e aos brancos na cidade. A sociabilidade religiosa não apagava, ao contrário, acentuava os preconceitos raciais e sociais dos membros das elites.

Esta separação justifica a existência de confrarias compostas exclusivamente por negros e mestiços. Nelas, a maior parte dos confrades eram escravos. A Igreja no Brasil lhes reservava uma atenção especial. Ela recomendava a inculcação da devoção católica nos cativos, temendo a proliferação de cultos pagãos.

O Curato de Sobral era subordinado ao Arcebispado da Bahia. As disposições de sua constituição, aprovada pelo sínodo diocesano, em 1707, enumeravam os ensinamentos que se devia levar aos cativos.⁸ “Nós ordenamos a todas as pessoas eclesiásticas ou seculares ensinar a doutrina crista a suas famílias e a seus escravos. Estes têm mais necessidade por causa de sua rudeza. É necessário lhes enviar à igreja para que os padres lhes ensinem os artigos da fé”.⁹

⁷ CASTRO, José Liberal de. **Pequena introdução à arquitetura antiga do Ceará**. Fortaleza: UFC, 1977, p. 33-34.

⁸ Para a historiadora Mariza de Carvalho Soares (**Devotos da cor. Identidade étnica, religiosidade e escravidão** – Rio de Janeiro, século XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.), o sínodo Diocesano, que resultou nas chamadas Constituições primeiras, código eclesiástico para o Arcebispado da Bahia, pode ser considerado como a primeira medida no sentido de regulamentar as formas de doutrina da Igreja Católica no Brasil seguindo orientações do Concílio de Trento. No século XVIII, a Europa vivia crise de cristandade, motivada pelo surgimento do Estado Moderno, mas o Brasil, desse período, era ainda refratário a essas mudanças que haviam minado um pouco a boa convivência entre o Estado e a Igreja.

⁹ FROTA, José Tupinambá da. **História de Sobral**. Fortaleza: Pia sociedade de São Paulo, 1953, p. 597-598.

Nossa Senhora do Rosário dos Pretinhos

A aparição das confrarias formadas por negros e mestiços – escravos ou livres – pode ser considerada como o resultado desta política da Igreja em relação aos escravos. Em Sobral, houve cinco irmandades deste tipo. A mais importante delas, a irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Pretinhos, foi fundada em 1760 e sua sede era a própria igreja do Rosário.

A festa anual desta confraria acontecia em 23 de dezembro e se prolongava até primeiro de janeiro. Estas festividades eram marcadas pela mistura de elementos pagãos e católicos. A festa do rei congolês, por exemplo, era comemorada no primeiro de janeiro, mas uma novena consagrada à Nossa Senhora do Rosário a precedia. Tratava-se de uma cerimônia onde as figuras do rei e da rainha dominavam a cena. D. José Tupinambá da Frota a descreve assim:

O rei a rainha eram negros, quase sempre escravos. Os negrinhos vestidos em trajes coloridos formavam a corte. Antes da missa, um grupo de negros montados a cavalo, ia buscar o rei que esperava nas imediações da cidade. Em seguida, acompanhados da rainha, eles se dirigiam à igreja onde uma multidão os esperava. Seus cantos eram acompanhados do som de maracás, agitados nervosamente por estes pobres escravos que durante o cerimonial tinham varias horas de folga. Por algum tempo, eles esqueciam a infelicidade de suas tristes existências.¹⁰

O fato de que este costume tenha desaparecido em 1889, um ano somente depois da abolição da escravidão, mostra os elos entre estes cerimoniais, as confrarias que lhes promoviam e a manutenção do regime escravista. É necessário frisar que todas as confrarias de negros cessaram de existir entre final de 1907 e início de 1908. De acordo com informações do livro de Tupinambá da Frota, a confraria *Nossa Senhora do Rosário dos Pretinhos* que, sobreviveu até início de 1908, foi extinta por negligência dos seus membros. O autor reproduz um trecho de uma carta do vigário Vicente Jorge, dirigida ao bispo do Ceará pedindo a dissolução da irmandade. “Tal era a briga, tal a balbúrdia, tal o vozerio dos irmãos nas suas reuniões, que não era agradável assistir às mesmas”.¹¹

As confrarias dos negros não sobreviveram muito tempo à queda da escravidão. Seus rituais profanos, onde seus membros se representavam em posições

¹⁰ FROTA, José Tupinambá da. **História de Sobral**. Fortaleza: Pia sociedade de São Paulo, 1953, p. 280.

¹¹ Ibid.

superiores na hierarquia social, contribuía a manter intocada a estrutura de poder vigente. A igreja alcançava ao menos parcialmente seu objetivo de propagação do catolicismo e os proprietários de escravos podiam dispor ainda de suas mão de obra servil, porque os negros se consolavam de seus destinos.¹² A dominação simbólica vinha legitimar e fortalecer a dominação social e política.

O lugar que servia de sede às confrarias marca ainda uma diferença de *status* entre as irmandades formadas por negros e aquelas compostas por brancos. Todas as irmandades, ditas de brancos, se reuniam na Catedral, templo mais prestigioso da cidade, ao passo que aquelas de negros tinham suas próprias igrejas como sede.

Irmandade do Santíssimo Sacramento

A Irmandade do Santíssimo, fundada em 1752, foi a primeira confraria da cidade. Sua principal função era promover as solenidades das procissões da semana santa e do Corpus Christi. Ela devia também acompanhar solenemente o sagrado viático, levado aos enfermos.

Seus primeiros estatutos oficiais, compostos de 15 capítulos, datam de 1777. Os critérios de admissão vão merecer aqui uma atenção especial, porque eles contribuem para revelar a própria natureza desta sociedade religiosa. As condições de admissão na confraria são tratadas na maioria dos capítulos dos estatutos. “Esta irmandade sempre esteve consciente de conservar sua reputação, caso ela só admitia homens honestos, dignos e de boa linhagem”.¹³ Este comentário de D. José Tupinambá da Frota, vigário e bispo da cidade por 51 anos, ele mesmo, membro da confraria desde 1908, indica a importância atribuída aos critérios de filiação para a manutenção do prestígio da Irmandade do Santíssimo.

Uma série de condições se reportava à situação financeira dos candidatos. “Esta confraria se comporá de um numero limitado de irmãos de honestidade

¹² A esse propósito, SOARES afirma: “No século XVIII, as irmandades são uma das poucas formas de associação permitida aos pretos pelo Estado Português. Por outro lado, do ponto de vista da Igreja, longe de serem apenas resquício da religiosidade medieval, elas são o espaço possível para a doutrinação coletiva e o incentivo às obrigações sacramentais prescritas pelo Concílio de Trento e tão penosamente implementadas”. (SOARES, Mariza de Carvalho. **Devotos da cor. Identidade étnica, religiosidade e escravidão** – Rio de Janeiro, século XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 166.)

¹³ FROTA, José Tupinambá da. **História de Sobral**. Fortaleza: Pia sociedade de São Paulo, 1953, p. 271.

indiscutível e tendo bens suficientes”.¹⁴ Os limites de idade faziam parte deste conjunto de exigências. A irmandade proibia a entrada das pessoas com mais de 50 anos. A interdição era estendida também àqueles com idade abaixo de 50 que tivessem uma saúde precária, a ponto de limitar suas expectativas de vida.

Àqueles que insistiam em ingressar na irmandade restava a possibilidade de pagar um preço bem caro, cerca de 50% a mais do que o valor normal fixado. “Nestes casos a decisão de admissão recaía sobre os que reuniam as qualidades e as possibilidades de ocupar postos de direção”.¹⁵ Os termos *qualidades* e *possibilidades* significavam mais concretamente ter uma condição financeira privilegiada. Estas posições, mencionadas nos estatutos, eram reservadas aos membros mais afortunados. Para o lugar do Juiz, o mais alto na hierarquia da irmandade exigia-se uma soma equivalente a 25 mil reis para cada ano de mandato, passível de ser renovado. “Para a posição de escrivão, será eleito um irmão tendo bens suficientes, contudo aos homens mais opulentos do lugar, é necessário reservar o posto de juiz”.¹⁶

Estas exigências pecuniárias visando à sobrevivência da confraria bem como a cobertura das despesas dos cultos e procissões organizadas pela irmandade acabaram constituindo-se em barreiras às pretensões de numerosas pessoas da comunidade em ingressar na irmandade. No Sobral do período aqui tratado somente uma pequena percentagem da população urbana dispunha de uma renda superior a mil dólares.¹⁷ Automaticamente, o fator financeiro instaurava uma seleção social. Ele contribuía para conferir um perfil elitista à confraria. A Irmandade do Santíssimo tornava-se, assim, um canal de legitimação e comprovação do pertencimento às elites da cidade.

A Irmandade do santíssimo se reunia muito pouco durante o ano. O número de encontros era fixado nos estatutos.

As reuniões terão lugar na sacristia da Catedral, quatro vezes por ano: a primeira, que será geral, acontecerá no sábado santo, ao meio-dia. Sua finalidade será de proceder às eleições dos membros da mesa do ano seguinte. O domingo de páscoa será consagrado à segunda reunião cujo objetivo é dar posse aos novos dirigentes eleitos. A terceira acontecerá no domingo da paixão e a quarta no domingo que precede a novena da festa de Corpus Christi. As duas últimas terão a finalidade de organiza com muito fausto a celebração dos atos solenes da semana santa. Discutir-se-á também as despesas relativas a estas

¹⁴ Estatutos da irmandade do Santíssimo, 1777, cap. I.

¹⁵ Ibid, cap. IV.

¹⁶ Ibid.

¹⁷ Censo de 1872 e 1920.

solenidades. As resoluções deverão ser aprovadas pelo Juiz da Confraria.¹⁸

O número de ausentes nestes quatro encontros anuais era muito elevado. Um balanço da leitura de aproximadamente 380 atas destas reuniões, cobrindo todo o período deste trabalho, aponta índices muito baixos de frequência dos irmãos, inclusive dos dirigentes. Em geral, as sessões não reuniam nem um sexto dos membros da irmandade. Das 380 atas examinadas podemos constatar mais de 150 casos em não estavam presentes nem o juiz nem o seu substituto imediato. Vários encontros foram cancelados pela ausência do juiz ou de seus substitutos legais.

Todos estes fatos podem ser considerados como fortes indícios de certa negligência na conduta dos negócios internos da confraria. Assim, ao que parece, seu atrativo maior estaria ligado às demonstrações de prestígio pessoal dos Irmãos do Santíssimo conferido, sobretudo, pelos rituais a cargo da irmandade.

Rituais

Duas solenidades anuais marcavam a aparição pública da confraria – a procissão do Senhor Morto e as festividades consagradas ao Corpus Christi.

A procissão do senhor morto tinha lugar todas as sextas-feiras santas. Ela partia da Catedral às 16 horas. Segundo o costume local, herdado das tradições portuguesas, só os homens poderiam dela tomar parte. O cortejo, que percorria as principais ruas da cidade era aberto por uma imensa cruz de madeira, coberta com uma toalha de linho branca. A Irmandade do Santíssimo vinha logo em seguida. Todo este cortejo, de fato, precedia o andor do senhor morto. A imagem que lhe representava era uma estatua em madeira esculpida antes de 1800.

Os músicos executavam as marchas fúnebres. Os irmãos do Santíssimo vestiam seus trajes de gala a opa. Tratava-se de uma túnica vermelha ricamente bordada, portando o símbolo da Confraria.

A procissão do Corpus Christi era a principal cerimônia a cargo da Irmandade do Santíssimo Sacramento. De fato, ela encerrava brilhantemente as festividades consagradas ao “Corpo de Deus”. A adoração ao símbolo sagrado constituía o ponto máximo destas solenidades. Ele era exposto permanentemente numa pequena capela no

¹⁸ Cf. cópia dos estatutos de 1928, cap. VII.

interior da Catedral, construída pela própria irmandade. Para esta ocasião, o altar que guardava esta relíquia era suntuosamente ornamentado. “A catedral e, sobretudo, o altar da capela do Santíssimo Sacramento apresentavam uma aparência fascinante, conferido pela ornamentação e os jogos de luz que inundavam a igreja”.¹⁹ A relíquia sagrada era exibida durante a procissão dentro de um relicário de cristal sobre o andor coberto por uma toalha de veludo bordada. A descrição deste ato religioso no jornal da Diocese local revela o prestígio da procissão. “Era quatro horas da tarde quando a procissão do Santíssimo Sacramento saiu. O símbolo sagrado era transportado sobre um rico andor, levado pelos irmãos do Santíssimo”.²⁰

A guarda e a conservação desta relíquia ficavam a cargo da confraria durante todo o ano. A chama do símbolo sagrada não deve jamais se apagar. Todas as despesas com o combustível eram pagas pela irmandade. Por esta razão, os irmãos do Santíssimo ocupavam um lugar privilegiado no cortejo da procissão. A ordem de importância no desfile era decrescente, quer dizer os mais importantes vinham por último. Aos irmãos do Santíssimo só precedia o representante do clero local, o bispo. O Santo Sacramento era levado no andor carregado pelos principais membros da irmandade. A cada dirigente, um lugar distinto era designado em torno do andor, de acordo com o seu grau de importância na hierarquia interna da confraria. Constavam nos estatutos as indicações destes lugares. “O lugar do juiz será na cabeceira da mesa e nos atos solenes ou fúnebres ao lado do Evangelho. Ele terá como símbolo o bastão sagrado. O escrivão que substitua o juiz se colocará ao lado da epistola”.²¹

Enquanto co-responsável pela organização da cerimônia, pois o clero tomava a frente dos preparativos de todas as manifestações religiosas da cidade, a confraria do Santíssimo Sacramento procurava sempre cercar de um brilho excepcional esta festa, à qual eram consagradas duas reuniões anuais. As atas indicam que a maior parte dos fundos era despendida entre os meses de abril e junho, o que se supõe que as despesas eram destinadas a este acontecimento. Tudo era programado com muito detalhe e riqueza. Além do desfile dos irmãos devidamente paramentados, das ricas toalhas e enfeites que cobriam o altar, havia uma legião de crianças vestidas de anjinhos. Eles eram recrutados nas famílias das elites locais. O clero sobralense publicava avisos e

¹⁹ Jornal **Correio da semana**, Sobral, 17 de junho de 1922, p. 2.

²⁰ *Ibid.*

²¹ Estatutos 1928, cap. IX.

chamadas nos jornais da cidade. Também era solicitado aos proprietários das casas diante das quais passaria o cortejo de trazer limpas e ornamentadas as fachadas e calçadas dos imóveis. Segundo a declaração daqueles que alcançaram ainda o esplendor destas cerimônias religiosas, estes pedidos eram prontamente atendidos. Estas testemunhas afirmam ainda que as ausências tão freqüentes nas reuniões da confraria não se reproduziam nestes atos religiosos. Era muito raro que o Juiz ou o Escrivão fossem substituídos por ocasião das procissões.²²

Estes acontecimentos mobilizavam toda a população da cidade. A afluência do público era considerável. “Digna de admiração foi a presença dos fieis ao templo sagrado durante os dez dias das festividades do Corpus Christi”.²³ Um outro texto enfatiza o grande número de pessoas que participavam destas solenidades. “Às quatro horas da tarde teve lugar a procissão do Santíssimo Sacramento, assistida por milhares de fieis”.²⁴

O discurso da Igreja local enfatizava sempre a natureza profundamente religiosa do povo sobralense. Era uma espécie de encorajamento. Todos os jornais sobralenses da época publicavam colunas dando conta de todos os atos religiosos que aconteciam na cidade, o que comprova a importância do lugar ocupado pela sociabilidade religiosa que predomina sobre todos os outros domínios da sociabilidade em Sobral. A Igreja era perfeitamente consciente de que a manutenção do seu poder dependia do crédito a ele conferido pelo povo.

O capital simbólico assegura formas de dominação que implicam na dependência daqueles que este mecanismo permite dominar. Ele só existe na verdade pela estima, pelo reconhecimento, pela crença pelo crédito e pela confiança dos outros. Ele só poderá sobreviver muito tempo se conseguir obter o crédito na sua própria existência.²⁵

O poder espiritual estendido aqui aos participantes das confrarias religiosas através da aliança estabelecida entre o clero e os notáveis da cidade, dependia da crença da parte do público. Daí, toda essa *mise en scène*. Ela conferia respeito e admiração às instancias e aos indivíduos nela envolvidos. Estes sentimentos reforçavam e legitimavam suas elevadas posições na hierarquia social. Esta teatralização dos atos cristãos, a ostentação, o recurso à presença virtual do corpo de Deus constituíam uma

²² Informações recolhidas junto aos padres Sabino Loyola (82 anos) e João Mendes Lyra (78 anos).

²³ Jornal **Correio da semana**, Sobral, 17 de junho de 1922, p. 2.

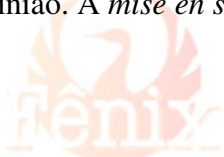
²⁴ Jornal **A ordem**, Sobral, 4 de junho de 1920, p. 2.

²⁵ BOURDIEU, Pierre. **Méditations pascaliennes**. Paris: Seuil, 1997, p. 200.

série de instrumentos que tornavam possível a dupla e recíproca dependência entre dominados e dominantes. Estamos diante dos dispositivos da dominação simbólica.

O costume de ver os reis acompanhados de guardas, tambores, de oficiais e de todas as coisas que fazem funcionar a máquina do respeito e do terror, imprime nas pessoas estes sentimentos porque no pensamento não se separa as pessoas dos seus artifícios que a gente vê comumente juntas. E o Mundo que não sabe que este efeito vem deste costume, crê que ele vem de uma força natural e daí vem estas palavras. O caráter da divindade e a marca sobre seu rosto.²⁶

Ao longo de sua existência a Irmandade do Santíssimo tornou-se uma espécie de Casta. Aqueles que eram filiados a ela podiam afirmar assim junto à comunidade seu pertencimento às elites locais. Os nomes de famílias que constam nas atas da irmandade são os mesmos que dominam a cena em todos os acontecimentos maiores em Sobral. Descrevendo o comportamento dos irmãos nas procissões, D. José Tupinambá da Frota indica claramente o papel de destaque atribuído aos filiados desta Associação. “Os irmãos do Santíssimo seguiam o cortejo com suas tochas acesas porque eles tinham orgulho da natureza aristocrática de sua confraria”.²⁷ Povo e elite partilhavam esta opinião. A *mise en scène* da devoção contribuía a este estado de coisas.



www.revistafenix.pro.br

Considerações Finais

Pelos dados apresentados pode-se identificar o caráter pioneiro e dominante da sociabilidade religiosa em Sobral, o que confere ao catolicismo uma forte responsabilidade na formação dos valores dessa população e dos critérios que definiram e apontaram aqueles que formarão as camadas mais elevadas da hierarquia social na cidade. As confrarias religiosas funcionavam, então, como instrumentos do poder espiritual.

A descrição do funcionamento das associações pias revela os jogos de poder que se escondem por trás das manifestações religiosas. Aqui é necessário sublinhar a divisão estabelecida entre as confrarias de brancos e as de negros.

Grande parte de estudiosos que se debruçaram sobre a questão da sociabilidade atribui ao termo o sentido de união, de anulação das diferenças sociais e raciais. No caso de Sobral, as oposições revelam que, muitas vezes, a sociabilidade religiosa serve mais para marcar distâncias e inculcar distinções entre classes e grupos sociais do que para

²⁶ PASCAL apud CHARTIER, Roger. **Au bord de la falaise**. Paris: Albin Michel, 1998, p. 182.

²⁷ FROTA, José Tupinambá da. **História de Sobral**. Fortaleza: Pia sociedade de São Paulo, 1953, p. 486.

unir, congregar, aproximar.²⁸ Se essa separação de formas e dos lugares de culto entre os brancos e negros não era iniciativa da Igreja, instituição que pregava a igualdade entre os homens, ela se apoiava, contudo, sobre um acordo tácito. A carta do vigário de Sobral, Vicente Jorge, ao bispo do Ceará, citada anteriormente constitui uma prova disso.

A escolha de TUPINAMBÁ da FROTA na divulgação dessas informações sobre a confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Pretinhos não é neutra. Na condição de representante da Igreja local,²⁹ ele só reproduz comentários depreciativos sobre as associações dos negros. Para ele, a confraria Nossa Senhora do Patrocínio teria desaparecido por conta da negligência de seus confrades. A confraria Pia União das Filhas de Maria, que havia fracassado por falta de associadas, não merece dele as mesmas críticas. “Tratava-se de uma associação de mulheres brancas pertencentes à boa sociedade”.

A descrição das procissões promovidas pela Irmandade do Santíssimo reforça a tese da atuação das confrarias religiosas como elemento de afirmação das elites de Sobral através de rituais que simbolicamente contribuía para legitimar a hierarquia social na cidade. Era a Igreja contribuindo de forma simbólica e eficaz para o pertencimento à elite local.

²⁸ PEREZ, Lia Freitas. **Lieu de fêtes au Brésil**. Paris: Babel, 1994, p. 82-83.

²⁹ José Tupinambá da Frota, autor do livro que contém essas apreciações sobre a irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Pretinhos, foi bispo de Sobral de 1916 até sua morte em 1959.